



DR. JOÃO MANUEL C. MARTINS

Em busca do tempo perdido

"Rendemos mais quando temos consciência de como funciona o nosso meio e de como devemos nos inserir nele"

O professor mais próximo do doutorado ou do médico residente, por certo, já foi arguido sobre qual a fórmula para recuperar o tempo perdido. Isto ocorre naquele instante vivencial em que a pessoa em formação vislumbra o que deixou para trás de maneira estéril. O dolce far niente não proposital, não aproveitado, simplesmente perdido. E dá-lhe angústia. E dá-lhe a intenção do atalho, a obsessão pelo curto-circuito que reporá a mente em ordem, preenchida pelas informações não adquiridas, ideias não encontradas, conceitos não entendidos, enfim, pela lacuna existencial culposa.

Como ler os 100 livros que não leu? Como resgatar de maneira compacta e rápida os sinais não visibilizados nos pacientes que deixou de ver por displicência, falta de curiosidade momentânea, inexistência de oportunidades, por não ter sido "rato de enferma[1]ria"? E as demonstrações de técnicas cirúrgicas não presenciadas por não ser supostamente da panelinha? O que fazer quando olha o seu recente passado acadêmico com enorme exergo, aquele espaço não preenchido numa medalha para pôr data ou inscrição?

É melhor deixar em paz as angústias. Como escreveu Eliot no poema famoso: todo tempo é irremediável. Não há como recuperar o tempo. O que há como recuperar é a essência do que ficou no passado. Não os 100 livros, mas, desses, os quatro ou cinco que importam. Não temos como saber de tudo, nem mesmo importa saber tudo. Supostamente, o último a ler tudo o que vigia na sua época foi Pico Della Mirandola, sinônimo de saber sem limites, e esse morreu em 1494.

Então, importa saber o que nos toca; diria que é até um dever saber a que nos ater. O que preciso saber, que habilidades tenho que ter para apreender a realidade e nela me situar? De que é composto o cotidiano e de que maneira devo interagir com os pacientes de minha prática? Rendemos mais quando temos consciência de como funciona o nosso meio e de como devemos nos inserir nele. Médico, em princípio, deve falar e pensar sobre o que lhe é tangível. Claro que a clareza de propósitos exige conhecimento prévio. Mas a ação no cotidiano é delimitada, de modo que é possível ter uma formação suficientemente abrangente dentro desses limites. Só assim podemos ter vitalidade no trabalho e ânimo para ir além dele. Numa palavra, crescer!

Mas não nos iludamos. A verdadeira busca do tempo perdido está na busca de nós mesmos, na prospecção do autoconhecimento, na ida ao encontro da essência do que somos enquanto legado e vivência, em montar os fragmentos de nosso passado vivencial, integrá-los como num jogo de montar, ter noção de superfície e profundidade dessa inteireza fragmentada, pois só assim poderemos conhecer virtudes e vulnerabilidades do próprio ser; e saber o que se pode e o que não se pode fazer no cotidiano, do que se pode ser responsável ou não, pois só dessa maneira podemos levar o outro em consideração. Isto é, tratar de sujeito para sujeito, exercer nossa individualidade com propósito coletivo, evocar o que poderia ser chamado de amor, a busca e a doação do melhor de si no outro. **❶**